

Divisão Sexual do Trabalho nos Terreiros de Matriz Africana: Desigualdade e Trabalho Voluntário

Maria Grazia Cribari Cardoso

Introdução

Gênero e trabalho é uma área de estudos que tem contribuído para a compreensão da divisão sexual do trabalho. Este conceito trás a discussão sobre gênero para dentro das questões do trabalho. É o debate sobre gênero circunscrito ao âmbito do trabalho. Nesse sentido a divisão sexual do trabalho é um aspecto das relações de gênero uma vez em que estas organizam a totalidade das práticas sociais de uma sociedade.

Na visão mais tradicional a divisão sexual do trabalho refere-se à diferenciação e especialização de tarefas entre homens e mulheres. Nessa perspectiva, a família e especificamente a mulher são uma peça chave para o estabelecimento de vínculo social. A família é percebida como um espaço de complementaridade entre homens e mulheres, onde os papéis são desempenhados de acordo com o sexo.

Este modelo tradicional define o papel feminino restrito às tarefas domésticas e o papel masculino ancorado no mundo do trabalho. Faz-se um paralelo entre as atividades e as principais obrigações vinculadas aos papéis de pai e mãe dentro da família. O fato de a mulher ser mãe determinaria certos vínculos na divisão sexual do trabalho. Nesse esquema teórico o status de família advém do marido-pai e dos ganhos obtidos com o trabalho remunerado. Essa condição invisibiliza o trabalho doméstico, desvalorizando-o. Apesar dessas pressuposições, a família seria um espaço igualitário, uma relação entre iguais que, não obstante, desempenham papéis diferentes. Nesta perspectiva a divisão sexual do trabalho é vista como fato universal encontrada em todas as sociedades através do tempo.

Noutra versão do paradigma da divisão sexual do trabalho ao aspecto da especialização das atividades, alia-se a questão da subordinação e assimetria nas relações de gênero. Enfatiza-se a construção cultural da diferenciação das atividades, e as dimensões espaciais e temporais da subordinação. Nesta linha de pensamento, a divisão sexual do trabalho se organiza a partir de dois princípios: 1. O princípio da separação (trabalhos de homens e mulheres são diferentes), 2. Princípio da hierarquia (o trabalho masculino é mais valorizado que o trabalho feminino). No entanto, a divisão sexual do trabalho apresenta plasticidade considerando que seus formatos variam no tempo e no espaço e que na atualidade surgiram novas configurações concretas como por exemplo a clivagem entre mulheres cada vez mais escolarizadas, com carreiras profissionais

e que externalizam suas atividades domésticas recorrendo a mulheres de baixa renda, migrantes e em situação precária (Hirata: 2000, 2007, 2014).

O objetivo do artigo é apresentar os resultados da análise sobre o trabalho feminino em um contexto cultural específico: as cozinhas de terreiros de matriz africana no Recife e Olinda. No estudo da religião e cultura afrobrasileira verifica-se uma peculiaridade: trata-se de uma área muito estudada de forma que nos deparamos com uma imensa quantidade de literatura o que torna qualquer objetivo de revisar a produção da área uma tarefa quase impossível dentro das limitações de tempo de uma pesquisa.

Invisibilidade. É o que nos mostra primeiras obras sobre o negro (a) no Brasil. Se encontramos uma relação direta entre o orixá e a comida de santo, por outro lado, quase não há referência às mulheres responsáveis pela preparação das comidas religiosas. As cozinheiras de terreiros estiveram invisíveis nas primeiras pesquisas sobre religião de matriz africana no Brasil (RODRIGUES, 1935; RAMOS, 1937).

Por outro lado temos uma vasta referência aos trabalhos das mulheres negras como escravas na era colonial, trabalhando como empregadas domésticas nas casas de família e como vendedoras ambulantes na colônia. De forma geral, a cozinheira de terreiro aparece apenas de forma alusiva em trabalhos etnográficos que descrevem a hierarquia do terreiro e a atuação e função das cozinheiras nele (QUERINO, 1957; FREYRE, 2003; VIANNA, 1973; CARNEIRO, 2008; BASTIDE, 2001).

Muito se tem escrito sobre o prestígio das mulheres no candomblé, mas há poucas análises sobre as mulheres responsáveis pela organização primária dos terreiros e o papel que elas exercem na preparação das comidas sagradas (PAULA, 2017).

Embora a mulher no terreiro e a mulher negra no Brasil tenha sido bastante estudada, via de regra estas tem sido focalizadas sob a ótica da liderança, da sexualidade, da posição hierárquica, da estrutura da família, das guardiãs transmissoras dos saberes, da cuidadora dos terreiros e pela valorização e revalorização das grandes yalorixás. (CAMPOS, 1994; VERGER, 1986, 2001; COSTA, 2009; MENEZES, 2005, SILVA e Campos, 2011, BASTIDE, 2001)

O conceito de interseccionalidade se refere à conjugação integrada das relações de sexo, de raça e de classe que estruturam a experiência da mulher negra na sociedade. “Quando diversas formas de discriminação se combinam e afetam as vidas de determinadas pessoas” (Crenshaw, 2012, p.11). Ele se refere à produção de relações sociais de poder e na multiplicidade de eixos de opressão que fabricam a experiência de vida das mulheres negras (HIRATA, 2014; KERGOAT, 2016). No que diz respeito ao trabalho doméstico podemos supor que estes têm um gênero, uma cor e uma classe social. No Brasil são as mulheres negras de baixa renda que os exercem. O trabalho doméstico remunerado ainda é uma das principais

ocupações das mulheres negras mesmo após décadas do fim da escravidão. Profissão secular está associada a formas inferiorizadas de trabalho com pouca valorização social, baixa remuneração e proteção social.

A participação da mulher negra no mercado de trabalho incorpora as desigualdades de gênero, classe e raça presentes na sociedade brasileira. Se por um lado, este trabalho representa uma das principais fontes de renda das mulheres negras, por outro lado é fonte de desigualdades sociais considerando que nele estão às mulheres negras, pobres e com pouca escolaridade. O aumento na escolaridade feminina, possibilita às mulheres o acesso a ocupações de melhor remuneração ou mesmo em profissões superiores. No entanto, a maior escolarização e profissionalização não foram iguais para todas as mulheres considerando que as mulheres negras continuam em ocupações de baixa qualificação e baixo salário, como o emprego doméstico remunerado que continua sendo central em suas vidas (SILVA, 2013 ; NOGUEIRA, JACINO, 2013).

No que diz respeito ao trabalho doméstico não remunerado também é marcado pela desigualdade e se amplia na sociedade quando se conjuga a questão de raça. Segundo o IPEA (2011) e Xavier e Werneck (2013, p.271) ele é uma sobrecarga adicional de horas de trabalho para diferentes classes sociais e raciais. No entanto, permeado pelas desigualdades de gênero, raça e classe acentua a diferença para as mulheres negras. Segundo os estudos, os trabalhos domésticos não remunerados eram exercidos por 91% das mulheres negras ocupadas que utilizavam 22 horas semanais em 2009”.

O trabalho da mulher negra no Brasil (remunerado e não remunerado) conjuga as relações de classe, gênero e raça de maneira integrada. Ele revela a interseccionalidade na qual se encontra estes trabalhos revelando a exploração e discriminação evidenciadas quando de sua incorporação ao mercado de trabalho e nas estratégias de coadunação das duas atividades. Se por um lado, mulheres de maior poder aquisitivo transferem os afazeres domésticos para outras mulheres que estão na interseção, aprofundando as hierarquias sociais, em sentido contrário, as mulheres negras desenvolveram estratégias de resistência que subvertem a dinâmica das posições sociais atualizadas no tempo e no espaço por configurações próprias que fazem do seu trabalho um locus de valorização e do trabalho coletivo. É este o caso do candomblé.

As cozinheiras nas religiões afro-brasileiras são as guardiãs do conhecimento culinário considerando que a comida é central na religião de santo. A trajetória delas, desde a década de 30 nos terreiros de Recife e Olinda se modificou com o tempo. Mulheres que cozinham nos terreiros sempre existiram nos Xangôs do Recife. No entanto, partir da década de 1990 houve uma migração de outras "nações" exemplo da keto, jeje, etc, provenientes de São Paulo, Rio,

Bahia para o Recife e essas nações tem uma hierarquia mais complexa e uma nomenclatura mais rica. A partir daí o Xangô do Recife passou aos poucos a ser chamado de Candomblé (também devido aos movimentos políticos negros entrando nos terreiros) e o povo começou a dar nomes yorubanos a papéis que antes já existiam nos terreiros mas que não tinham essa nomenclatura específica. Então temos yabás, Yapetebis, yalaxés, yabassês, etc.

No candomblé, a depender da tradição, estas mulheres ocupam um lugar de prestígio na organização social ou são apenas filhas de santo que executam a tarefa de cuidar da cozinha, sob a supervisão da mãe ou do pai de santo. *Candomblés da Bahia* (2008, p.117/118) de Edisón Carneiro faz referência as iabassês quando trata da divisão do poder espiritual nos candomblés e afirma que “se a iabassê não cozinhar os alimentos como deve (...) então todo o esforço será em vão” .

Em princípio, são as mulheres que executam essas tarefas e elas são escolhidas entre as filhas de santo mais velhas mas não há uma regra fixa¹. O conhecimento rico e diversificado que possuem sobre o repertório das comidas de santo, acrescidos os tabus em relação ao sangue menstrual das mulheres, segundo os adeptos da religião, jogam um papel importante nessa escolha. No candomblé, são as mulheres que são responsáveis pelo trato da comida. No entanto, é possível encontrar homens exercendo a mesma função tão bem quanto às próprias mulheres. (Bastide, 2001).

Efetivamente, é possível falar de divisão sexual do trabalho, ou seja, de uma divisão do trabalho social resultado das relações sociais entre os sexos em terreiros de matriz africana? Os princípios de separação e hierarquização entre os trabalhos masculinos e femininos estão presentes neste contexto cultural específico? Podemos considerar trabalho as atividades exercidas nas cozinhas de terreiro? Se for trabalho, de que trabalho estamos tratando?

Essas são as questões iniciais que motivaram a pesquisa e que nos propomos a dar algumas pistas que permitam entender o papel da cultura afro-brasileira na modelagem da divisão sexual do trabalho.

Metodologia

A metodologia qualitativa orientou a pesquisa de campo. A investigação e os dados produzidos por elas consistem em descrições e análises das atividades e das crenças, desde a perspectiva dos membros do grupo ou da cultura, como objetivo de compreender o grupo

¹ Entre as pesquisadas a faixa etária variou de 30 a 70 anos. Tivemos dois extremos com cinco pessoas nas faixas entre 30 e 40 anos e cinco com mais de quarenta anos. O que indica que a presença de diferentes gerações.

estudado em seus próprios termos (GOLDEMBERG, 1999). Na primeira etapa fizemos uma revisão e atualização da literatura disponível, aprofundando as dimensões teóricas da reflexão sobre o trabalho feminino e identificando e localizando obras sobre a presença negra no Brasil desde as dos pioneiros até as produções contemporâneas. O segundo passo foi o levantamento de campo. Realizamos entrevistas com cozinheiras de terreiro. Estas foram selecionadas numa rede de relações de um informante e de uma pesquisadora². Visitamos tanto terreiros *ribeirinhos*, ou seja, terreiros emergentes, com menos capital simbólico e que não são consagrados como os terreiros mais “tradicionalistas” da cidade como também dois dos mais conceituados.

Inicialmente, a técnica utilizada foi a entrevista. Realizamos um total de 10 entrevistas com nove cozinheiras e um cozinheiro em 7 terreiros diferentes. A observação participante foi também utilizada como técnica de pesquisa. Percebemos que a coleta de informações não poderia se restringir apenas a perguntas e respostas e o mergulho no terreiro foram essenciais para ouvir, ver, escutar, enfim, usar todos os sentidos na relação direta com as pessoas a fim de entender a lógica de suas experiências de trabalho no terreiro (OLIVEIRA, 2010). Por fim, na análise dos dados das entrevistas e da observação participante, usamos o método de interpretação de sentido (Gomes, 2007) com a construção de categorias utilizadas pelos entrevistados buscando os conteúdos dos textos nos seus contextos, revelando as relações existentes e os seus significados quando cotejados com a teoria sobre o trabalho.

Resultados e Discussão

O trabalho é uma discussão essencial da condição humana. O trabalho humano no sentido amplo envolve todas as atividades humanas materiais voltados para a manutenção da sobrevivência. Ele também é importante para o entendimento das relações de gênero. A divisão social do trabalho suscitou muitas discussões e classificações do trabalho humano. Dentre elas, está a classificação em manual e intelectual, compreendendo esferas distintas. Por sua vez, o trabalho foi separado e estudado em duas esferas: produção e reprodução. Em torno dessas esferas desenvolveram – se muitos estudos sobre a inserção da mulher neste universo, que creio, iluminaram o debate com novos aportes e contribuições, sendo um deles, a visibilidade do trabalho doméstico, discutido também como trabalho produtivo e não apenas reprodutivo. O

² Agradeço a professora da UNICAP doutora Zuleica Dantas Pereira pela orientação geral do universo das religiões afro brasileira em Pernambuco, por me confiar sua rede de relações em Recife e Olinda e da mesma forma agradeço a Tiago Nagô, advogado, militante negro por confiar em minha pessoa e me colocar em contato com os sacerdotes, sacerdotisas e cozinheiras de Olinda. Agradeço principalmente aos pais e mães de santo e cozinheiras (o) de terreiro que nos ajudaram na pesquisa.

foco do conceito de trabalho foi redefinido de produtor de bens para a produção da vida (KERGOAT , 2016; MELO 2018).

A divisão sexual do trabalho diz respeito às relações antagônicas entre os sexos. Ao aspecto da especialização das atividades, alia-se a questão da subordinação e assimetria nas relações de gênero. O conceito se refere à construção cultural das desigualdades entre as atividades masculinas e femininas. No entanto, de acordo com a cultura a divisão sexual do trabalho organiza essas diferenças de uma maneira particular.

No Brasil, a cozinha afro-brasileira, foi transmitida para as casas de família pelas cozinheiras de terreiro. Supõe-se que a popularização da cozinha de matriz africana no Brasil deve-se a essas mulheres que inicialmente trabalhavam como empregadas domésticas nas casas de classe média e alta. Perpetuada inicialmente pela tradição oral gradativamente foram surgindo memórias escritas (FREGONEZE, COSTA, 2015; SOUZA, CARDOSO, 2011).

Segundo Querino (1957), os negros e negras escravos domésticos foram responsáveis pela introdução da culinária africana nas cozinhas das casas no Brasil. O trabalho da cozinheira (o),era prestigiado entre os senhores de escravos e posteriormente pelas famílias burguesas. Numa visão suave do ofício das cozinheiras em Pernambuco no século XIX, Freyre (2003) afirma que elas ocupavam um status mais elevado entre os serviçais, de maneira que, em alguns casos, proporcionava a quem cozinhava certas vantagens como a liberdade, no caso dos escravos, ou até mesmo direitos a verbas nos testamentos dos patrões ou donos, mas esses casos eram uma minoria. Silva (2011) alerta que não é seguro pensar que os todos os escravos desfrutavam de proteção e segurança por parte de seus proprietários. Estudando a vida das trabalhadoras domésticas e vendedoras no Recife revela a importância dos micros espaços e das conseqüências destes sobre aquelas pessoas que dão vida a esses espaços e revela o péssimo estado das cozinhas dos sobrados da cidade do Recife no século XIX.

A respeito de certo médico preocupado com a higienização da cidade diz que “de um lado, o médico generalizou o péssimo estado das cozinhas. De outro, referiu-se àquelas ainda piores situadas no centro das habitações, e que concentravam ainda mais fumaça pela menor circulação de ar no interior da casa. É neste ambiente doentio e sujo que as cozinheiras trabalhavam” (SILVA, 2011. p. 87.). Não raro sofriam com a tuberculose. Há uma associação á época entre cozinha e sujeira. Também mesmo em casas particulares as cozinheiras não eram contratadas para exercer unicamente este ofício. Os anúncios de contratação, estudados pelo autor acima revelam que a atividade de cozinhar estava associada a outros trabalhos domésticos como “engomar, lavar, costurar, comprar” (SILVA, 2011,p,242).

Além de péssimas condições de trabalho oferecidas os senhores e senhoras nutriam uma perspectiva que não dizia respeito apenas às qualidades dos serviços prestados.

“A principal expectativa dos contratantes de criadas era que estas fossem honestas, o que implicava um comportamento sexual e uma conduta moral irrepreensíveis. (...) Normalmente, na busca de criadas honestas, os anunciantes acrescentavam que elas deveriam se de meia idade, ou de ‘maior idade’, pois supunham que estas mulheres cuja vida sexual e reprodutiva já havia cessado não trariam problema com ‘seduções’, namoros ou casos de gravidez” (SILVA, 2011, p. 210).

As “cozinhas eram insalubres, mas se exigiam das criadas que ‘fossem limpas e asseadas’”. Exigia-se além das competências do ofício, “os contratos das cozinheiras pautavam-se por observações ligadas ao comportamento (SILVA, 2011, p. 245).

As atividades realizadas pelas mulheres no terreiro, em especial no seu papel de cozinheira, foram distribuídas nas ruas e nas cozinhas das famílias brasileiras e em especial este trabalho foi fonte de independência e mobilidade social das mulheres negras e foi através desse comércio que elas puderam garantir a liberdade e uma vida digna a si mesma. (QUERINO, 1957; VIANNA, 1973; VERGER, 1986; FREYRE, 2003; SILVA, 2011).

Atualmente, o trabalho doméstico remunerado ainda é uma das principais ocupações das mulheres negras mesmo após décadas do fim da escravidão. Profissão secular das mulheres negras está associada a formas inferiorizadas de trabalho com pouca valorização social, remuneração e pouca proteção social. A participação da mulher negra no mercado de trabalho incorpora as desigualdades de gênero, classe e raça presentes na sociedade brasileira. Se por um lado, este trabalho representa uma das principais fontes de renda das mulheres negras, por outro lado é fonte de desigualdades sociais considerando que nele estão às mulheres negras, pobres e com pouca escolaridade (XAVIER, WERNECK, 2013; NOGUEIRA, JACINO, 2013; SILVA, 2013; IPEA, 2011, MELO, 2018).

Podemos perceber uma mudança em referência as atividades remuneradas das mulheres de terreiro. Querino (1957); Freyre (2003); Vianna (1973) apontam como trabalhos remunerados dessas mulheres ou o emprego doméstico ou o de vendedoras de rua. Neste sentido, encontramos hoje maior diversificação das atividades. No que diz respeito ao trabalho três são cozinheiras (o) (que trabalham por conta própria ou em restaurantes), uma comerciante, duas administradora/ contadora, uma professora com doutorado em Química, uma empregada doméstica e uma chef de cozinha. Duas alegaram ser donas de casa.³ Entre as entrevistadas houve um aumento na escolaridade, o que possibilita o acesso a ocupações de melhor remuneração ou mesmo em profissões superiores. No entanto, supomos que a maior escolarização e profissionalização não foi igual para todas as mulheres de terreiro que continuam em ocupações de baixa qualificação e baixo salário, como o emprego doméstico

³ Em um dos terreiros visitados conhecemos uma advogada cozinheira do terreiro que não nos concedeu entrevista.

remunerado que continua sendo central na vida das mulheres negras (XAVIER, WERNECK, 2013; NOGUEIRA, JACINO, 2013; SILVA, 2013; IPEA, 2011).

No início de suas trajetórias na religião nota-se de diferentes maneiras na forma como se tornaram cozinheiras de terreiro. Encontramos aquelas que são de família pertencente ao candomblé e outras que se tornaram cozinheiras por escolha do santo. A esse respeito Amélia⁴ é um exemplo. Apesar de não ter nenhum familiar pertencente a religiões de matriz africana já se considerava pertencente desde “a barriga da mãe”, e por sofrer abusos dos familiares no interior, por causa de sua mediunidade, mudou-se para Recife, e passou a trabalhar na casa de um Pai de Santo, e assim adentrou de fato a prática religiosa.

Para Marta, por outro lado, o aprendizado de cozinheira de santo se deu na própria família. Ela nos fala:

O que me encanta assim, é o ofício de cozinhar. Independentemente de ser de terreiro ou não. De terreiro tem toda aquela magia, o cheiro né, o dendê, a pimenta, o coco, tem aquela fartura, muita coisa na mesa, né. A mesa cheia de coisas, né. Mas o ofício de cozinhar, né. A minha vó costumava, sabe era um ritual, mas era um ritual lindíssimo. Eu achava aquilo maravilhoso. Quando ela fazia o feijão e aquele primeiro caldo ela tirava e botava num pratinho. Pegava um pouco de farinha, botava em outro prato. Vinha com o caldo bem quente, uma água bem quente. Botava ali, naquela farinha. Com a mão, com as duas mãos ali ela tava ficando um pouco de cheiro verde, um pouco de cebolinha ralada, uma colherinha daquela manteiga da boa, “Aviação”. Naquela época, vixe quem tinha aquela manteiga dentro de casa era praticamente rico. E isso ela fazia, ela comprava uma manteiga daquela quando ia receber dinheiro no final do mês. Então, ela fazia aquela farofinha bolão. Com aquela farofinha ela molhava ali naquele caldo e batava na boca, e isso convidava alguns netos pra provar também daquilo das mãos dela. Então esses rituais, essas histórias de cozinha, eu também gostava, eu gosto do ofício (...).

Semelhantemente a entrevistada acima citada, Maria nasceu dentro da religião, e aprendeu toda a arte da cozinha de santo por meio de sua avó, que também era a “Iabá”. A aprendizagem faz-se, via de regra, em casa ou no terreiro, pela observação direta. As crianças aprendem as técnicas de cuidado da casa com as mães/avós ou outras mulheres que as substituam. Os adultos, no terreiro, através da observação e ensinamentos de outras cozinheiras (os) mais experientes.

Eu aprendi só vendo mesmo. A primeira obrigação que eu fiz foi *pro* meu padrinho. Ele tinha recolhido e não tinha ninguém para cozinhar para ele, aí eu fui fazer. (Ronaldo).
É que ela chega, é ela que diz: ‘olhe, é o quiabo *pra* Xangô vai ser cortado de tal forma. Por mais que eu corte quadrado, se ela disser que é redondo, eu tenho por obrigação cortar redondo, porque o orixá só aceita redondo’. (Paula. Aprendiz)

⁴ Todos os nomes das cozinheiras são fictícios.

Rapaz, eu acho que ninguém me ensinou não, eu via a mãe de santo fazendo, aprendi na tórá! Porque eu entrei aqui, eu era marinha de primeira viagem e só fazia muito mal depenar as galinhas. As mães de santo abriam, temperavam, a gente só fazia depenar e cortar as cebolas, aí eu ficava só curiosa olhando como que se fazia.(...) eu via como ela abria, via como tirava que era tudo na junta dos bichos *pra* ser tudo ali certinho, pescoço, limpava tudinho, *pra* botar os temperos, só cebola, azeite, pimenta e o sal, e fui aprendendo mas muitas não gostavam de eu na cozinha não. Muitos dava fora! Mas um dia eu entro! Aprendi assim, ajudando a depenar galinha... (Selma)

Se as cozinheiras de terreiro são invisíveis para a literatura, por outro lado, são essenciais para o funcionamento da casa de santo e de seus rituais.

Na tradição nagô são as filhas de santo que executam a tarefa de cuidar da cozinha da preparação das comidas sagrada, sob a supervisão da mãe ou do pai de santo. Em geral são as mulheres que executam essas tarefas. Tanto nesta última quanto nas nações de hierarquia mais complexa e nomenclatura mais rica, ou seja, onde a cozinheira tem um cargo, elas são escolhidas entre as filhas de santo mais velhas tendo em vista, que segundo as explicações correntes dos membros dos terreiros, o conhecimento rico e diversificado que possuem sobre as comidas de santo, acrescidos aos tabus em relação ao sangue menstrual das mulheres, jogam um papel importante nessa escolha. Além disso, há a exigência do interdito sexual. Elas precisam estar limpas, o que na linguagem ritual significa não está menstruada e não ter tido relações sexuais. Da mesma forma que para as mulheres há para os homens o impedimento sexual. Resguardado este, homens e mulheres estão aptos para o trabalho na cozinha.

Porém há uma diferenciação sutil nas atividades na cozinha do terreiro. Existem dois tipos de comidas na religião. As comidas 'secas', ou seja, aquelas comidas que não são de sacrifício (SOUZA JÚNIOR, 2009) oferecidas a todos os que participaram no final do ritual e as oferendas ou obrigações, denominadas de ébos⁵, quando há o sacrifício de animais para os orixás. No ebó existem dois tipos de comida oferecidas: as comidas secas e as comidas fruto do sacrifício votivo. As oferendas alimentares aos deuses e o consumo público dos alimentos são momentos diferenciados do ritual. Assim como a preparação desses dois tipos de comida. Uma é ritualística e a outra é profana.

Há uma divisão sexual do trabalho na cozinha dos terreiros principalmente no que diz respeito à cozinha sagrada, aquela destinada as oferendas de sangue aos deuses, quando é feito o sacrifício. Os homens são responsáveis pelo sacrifício e pelo corte de bichos de quatro patas para as oferendas. Da mesma forma, a lida com o comércio da carne e do peixe sempre foi “no

⁵ Oferendas aos deuses. Sacrifício de animais para os orixás. Os Ebós, por sua vez, podem ser secos que são os vegetais, grãos, bebidas e o quente que envolve o sacrifício votivo.

contexto do Recife do passado e no contexto africano atual um demarcador de papéis sexuais”. Na África tratar da carne está associado aos homens “ que são criadores de gados bovinos, caçadores e mestres da faca em rituais que lidam com sangue – o peixe mereceu tratamento diferente” (SILVA, 2011, p.13). Essa é uma função de forte valor social considerando que é a atividade que se comunica diretamente com as divindades (KERGOAT, 2000).Esta é realizada exclusivamente pelos homens.

Nas atividades de preparação das comidas secas, ou seja, aquelas comidas que não são de sacrifício (SOUZA JÚNIOR, 2009) é possível também encontrar homens nas atividades de cozinha, no entanto a atividade é essencialmente feminina no sentido de que cabem a ela as tarefas que, na nossa sociedade, é considerada da mulher como a cuidar de todos os trabalhos domésticos da casa como preparar banhos, limpeza da cozinha, arrumação do ambiente, cuidado com as crianças, etc. Essas atividades são consideradas como “obrigação” das filhas de santo para com o terreiro.

Portanto, no que diz respeito aos trabalhos na cozinha do terreiro não há uma subordinação do trabalho feminino ao trabalho masculino. Não há exploração e opressão de um pelo outro. Além do gênero há outro marcador de papéis no candomblé: a geração.

Oyerumi (2017) argumenta que a família nuclear fornece o fundamento para as teorias de gênero. No entanto ela é uma forma especificamente européia generificada, centrada na mulher subordinada, marido patriarcal e filhos/as onde as distinções de gênero são fundadoras das relações. Por outro lado, o feminino que se enraíza neste tipo de família reduz mulher à esposa sendo o matrimônio a relação nuclear de solidariedade ou antagonismo. Ao contrário, na sociedade ioruba gênero não é a principal identificação da família. A família nuclear é alienígena e em muitas culturas africanas a maternidade é definida como relação de descendência e não como uma relação sexual com o homem. Dessa forma a “organização familiar ioruba é não generificada porque os papéis de parentesco e categorias não são diferenciadas por gênero. “ (...) o princípio organizador fundamental no seio da família é antiguidade baseada na idade relativa, e não de gênero. A antiguidade é a classificação das pessoas com base em suas idades cronológicas (...) “ (Oyerumi, p. 6, 2017). A geração é o eixo estruturador da família iorubá africana, ou melhor, gênero não é o único marcador de diferenças. Da mesma forma, na preparação da comida de terreiro a relação entre o/a especialista e o/a aprendiz é base da relação social e não a oposição entre homem e mulher. Não há uma relação hierarquizada fixa e constante de gênero na preparação dos alimentos. A divisão sexual do trabalho existe, no entanto, é flexibilizada a depender da situação: ritual sagrado ou profano, pureza ritual, etc.

Supomos que a divisão entre gerações seja definidora também das atribuições na cozinha. Considerando ser uma culinária de aprendizagem oral, se estabelece uma relação entre o aprendiz e o sábio (a) que domina o conhecimento das comidas de santo. É uma relação de aprendizado para o trabalho religioso entre a geração mais velha e a geração mais nova. Sendo assim, de fato não encontramos uma divisão sexual do trabalho baseada exclusivamente na hierarquia de gênero.

Trabalho doméstico para o lar, serviços domésticos ou afazeres domésticos dizem respeito à arrumação da casa, o trabalho de lavar e passar roupas, a cozinha e a manutenção da casa em geral e das crianças. De maneira geral é um trabalho que se funda na disponibilidade contínua das mulheres a sua família. Assim, os afazeres domésticos são conjunto de tarefas vinculadas aos cuidados prestados às pessoas, em geral compreendidas na família – lar conjugal ou parentela – trabalho gratuito desempenhado pelas mulheres. Dentre estas atividades a mais lembrada é cozinhar devido às associações que existem entre comida e afetividade. (HIRATA; 2000; FOUGEYROLLES-SCHWEBEL, 2000; PRADO, 1979; MELO, 2013)

O trabalho doméstico para o lar é a disponibilidade de serviço gratuito dado pela esposa/mãe/mulher à família. Há uma naturalização como sendo necessariamente feminino. Muitas vezes esta atividade é ‘invisível’ aos olhos do grupo familiar. Geralmente ele é constituído por uma sobrecarga de horas despendidas pela mulher, pois exigem dedicação contínua de tempo e presença em tempo integral. A contribuição nos afazeres domésticos de pais e filhos é considerada ‘ajuda’ à mãe/esposa, mas a obrigação principal e a manutenção dos serviços dependem dela. No entanto, há uma desvalorização da atividade apesar do altruísmo implicado na execução, pois é pensado como ‘amor’ e ‘obrigação’ da mulher.

O trabalho doméstico não remunerado é marcado pela desigualdade de gênero e se amplia na sociedade quando se conjuga a questão de raça. Segundo o IPEA (2011) e Xavier e Werneck (2013, p.271)

“ o trabalho doméstico não remunerado constitui sobrecarga adicional de horas de trabalho despendidas por mulheres e homens de diferentes grupos raciais, penetrado pelas iniquidades presentes na sociedade em relação aos papéis raciais e de gênero. Segundo o estudo, o trabalho doméstico não remunerado realizado por mulheres no mercado de trabalho era exercido por 91% das mulheres negras ocupadas, que utilizavam 22 horas semanais para isso em 2009. Enquanto os homens negros eram apenas 48,5% dos ocupados e utilizavam somente 9,8 horas com esses afazeres. Entre a população branca, as mulheres correspondiam a 88,1% e os homens 50,6% e utilizavam 20,3% horas e 9,1 horas semanais respectivamente”

Para aquelas mulheres que trabalham fora ele vivenciado com pesar, pois têm que se dividir entre os afazeres domésticos e a vida profissional e para aquelas exclusivamente donas de casa é vivenciado como trabalho exaustivo que provoca desvalorização de si mesma (SILVA, 2013; XAVIER, WERNECK, 2013; MELO, CONSIDERA, 2013; PRADO, 1979; MELO, 2018).

Assim como os afazeres domésticos da casa são atividades de cuidado realizadas no âmbito da família e da parentela, que exige uma disponibilidade constante, o trabalho doméstico no terreiro é um “trabalho gratuito desempenhado pelas mulheres” (FOUGEYROLLAS – SCHWEBEL, 2000).

O trabalho doméstico para o terreiro é semelhante aos afazeres domésticos no lar. Ele consiste em cuidar do terreiro em geral. Limpar, lavar, arrumar e principalmente cozinhar. E igualmente aos afazeres domésticos no lar exige uma sobrecarga de trabalho na sua realização. Considerando que além da jornada do trabalho remunerado e dos afazeres do lar se acrescenta o trabalho doméstico doado ao terreiro. Podemos falar de uma tripla jornada de trabalho para a mulher de terreiro⁶. Perguntada sobre horário para cumprir as “obrigações” no terreiro, Selma afirma:

“ eu botava pra cozinhar e eu trabalhava a noite todinha. Dava dois dias com duas noites. Três noites, três dias (risos) (....) as vezes eu venho aqui e faço várias atividades, tendo pra fazer eu faço. (...) tas pensando que quando eu chego em casa que eu vou dormir, é? Vou fazer as coisas em casa, vou fazer almoço, vou varrer casa, boto as roupas do santo no sabão, é fia eu só durmo de noite, aí quando da seis horas, eu estou um bagaço (...).

O afazer doméstico realizado no terreiro é trabalho voluntário. Ele tenciona a mulher enquanto dona de casa e trabalhadora. O que as obriga nas ocasiões rituais, uma jornada tripla de trabalho. Nesse sentido, a preferência pelas mulheres mais velhas faz sentido considerando que são desobrigadas das tarefas domésticas realizadas no lar e fora dele.

No entanto, diferentemente do lar, os trabalhos domésticos no terreiro são voluntários. É trabalho doado a comunidade de crença. É expresso como atividade de devoção. É a doação do serviço para o sagrado e a comunidade. Embora ele seja a continuidade dos afazeres domésticos e do trabalho remunerado, o trabalho doado ao terreiro é diferente da rotina casa – trabalho porque proporciona sociabilidade mais ampla e acolhimento espiritual. É a participação voluntária para a vida coletiva do terreiro.

⁶ As cerimônias religiosas de matriz africana se realizam geralmente durante a noite e a madrugada. O que dá margem para acusações de perturbação do sossego. Durante a pesquisa um pai de santo de um dos terreiros pesquisados era réu num processo movido por um vizinho. Percebemos uma tendência atual das cerimônias iniciarem ao final da tarde e finalizarem até as 10 horas da noite. Em parte devido à legislação que estabelecem restrições ao barulho e também a problemas de transporte dos adeptos e os perigos da violência na cidade.

Diferentemente do trabalho doméstico não remunerado, é vivenciado com contentamento e satisfação. Nas palavras de Selma:

“É porque eu me sinto uma pessoa assim... uma pessoa feliz. Trabalhando na cozinha dos orixás, entendeu? Qualquer entidade: pode ser Jurema, pode ser pra Exu, pode ser pra caboclo. Pode ser pra qualquer entidade. Me jogou na cozinha, me entregue tudo que ela tem direito, pra eu preparar a cozinha que eu entro de dentro e faço bem feito. (risos) –É muitos anos poxa, eu trabalho aqui, , muitas mães de santo, agora muitas se foram, é Juliana só pra resolver as coisas, aí uma tem que entrar de cabeça... (...) Tal dia eu chego, depois que sai desse corte, pra mim parece que aquilo me consagrou, eu entro na cozinha de cabeça erguida, entendeu? Gosto de uma garrafa de café, quando é de fumo, eu fumo, quando é pra Orixá eu saio, dou uns dez minutos, depois lavo a mãos.

O trabalho doméstico no terreiro não é visto com sofrimento e desvalorização, apesar de não receberem remuneração e de não trabalharem para suas famílias exclusivamente. A esse respeito Maria nos diz:

“Gosto, e parece que estando na cozinha num instante minha comida sai, parece que Xangô ajuda.”

Diferentemente do trabalho doméstico no lar (onde o estado de disponibilidade permanente é sentido como negativo) e do trabalho doméstico remunerado (onde pesa a memória da escravidão), o trabalho doméstico doado ao terreiro evoca sentimentos de pertencimento social e espiritual.

Considerações Finais

A divisão sexual do trabalho no candomblé se revela principalmente na preparação das oferendas de sacrifício aos orixás. Esta é uma atividade de alto valor simbólico e cabe aos homens executá-la. Nesse sentido, o gênero está inscrito no sistema religioso de matriz africana e orienta suas práticas. Mas não é o único marcador: a geração também tem presença na gestão da comida sagrada.

Assim, encontramos uma separação entre trabalho de homens e trabalho de mulheres mas não há uma exploração e opressão da mesma forma que a encontramos nos trabalhos domésticos e extra domésticos na sociedade. A cultura, nesse contexto específico, modela a divisão sexual do trabalho oferecendo um sentido diferente ao trabalho feminino.

O trabalho das cozinheiras de terreiro é trabalho doméstico voluntário. É trabalho doado ao sagrado. Diferentemente dos afazeres domésticos do lar ou do trabalho doméstico remunerado não tem raiz na idéia de sofrimento e de opressão. Pelo contrário, ele é vivenciado como algo diferente da exploração econômica do serviço doméstico remunerado e da imposição do trabalho no lar.

O trabalho doméstico voluntário cria outro valor. Não monetário. Não visa o lucro nem é visto como exploração. Ele tem foco na sociabilidade e no bem estar da coletividade. É a doação do trabalho aos deuses e a sociedade. Ele é uma resposta criativa num contexto específico à interseccionalidade de discriminação de gênero, raça e classe no mercado de trabalho e revela um modelo de conciliação das tarefas femininas desenvolvidas por mulheres negras. Se por um lado a interseccionalidade da situação social da mulher negra lhe limitam as chances na sociedade, por outro, os terreiros de matriz africana são formas alternativas de resistência simbólica coletiva a exploração do trabalho.

Agradecimentos

A Yalorixá Juliana Barbosa do Palácio de Yemanjá - Ylê Yemonjá Sessu e a Socorro cozinheira

Pai Maciel de Oxossi – Ilê Asé Ifa Omim

Babalorixá Tiago Nagô – Ilê Oca

Yalorixá Mãe Lála do Terreiro Ylê Asé Xangô Aleci Leí.

Pai Edson de Omulu – Tenda de Umbanda e Caridade e Centro Social Caboclo Flecheiro

Pai Osvaldo de Oxalá – Terreiro Vó Almerinda

O presente trabalho foi realizado com o apoio da FACEPE, entidade do Governo do Estado de Pernambuco voltada para o fomento de pesquisa e ao desenvolvimento tecnológico do Estado.

Referências

BASTIDE, Roger. O Candomblé da Bahia. São Paulo; Companhia das Letras, 2001.

CAMPOS, Zuleica D. P. O terreiro de Obá Ogunté: parentesco, sucessão e poder. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – UFPE, Recife, 1994.

CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. *O combate ao Catimbó: práticas repressivas às religiões afro-umbandistas nos anos trinta e quarenta.* (Doutorado em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

CARNEIRO, Edison. Candomblés da Bahia. 9 ed. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2008.

COSTA, Valéria Gomes. *É do dendê!. História e memórias urbanas da nação Xambá no Recife (1905-1992).* São Paulo: Anablume, 2009.

CRENSHAW, Kimberle. A Interseccionalidade na discriminação de Raça e Gênero. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>. Acesso em : 06/08/2018.

QUERINO, Manuel. A arte culinária na Bahia. Bahia: Livraria Progresso Editora, 1957.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime patriarcal. São Paulo: Global, 2003. (286-290)

FOUGEYROLLAS – SCHWEBEL, Dominique. Trabajo doméstico. In: HIRATA, Helena; Laborie, Françoise; et.al. Dicionario Crítico del Feminismo. Madri: Síntese, 2000.

FREGONESE, Josmara B., COSTA, Marlene Jesus da, et. al. Cozinhando História. Receitas, Histórias e Mitos de pratos afro-brasileiros. Salvador: FPV, 2015.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime patriarcal. São Paulo: Global, 2003. (286-290).

GOLDEMBERG, Mirian. A arte de Pesquisar. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: SOUZA, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira, et. al. Pesquisa social. Teoria, método e criatividade. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

HIRATA, Helena. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. Cadernos de Pesquisa, v. 37. N. 132. P.595-609, set./ dez. 2007.

_____. Gênero, classe e raça. Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. Tempo Sociail. V. 26, n.1, junho, 2014. P.1-p.73.

HIRATA, Helena; ZARIFIAN, Philippe. Trabajo (concepto de). In: HIRATA, Helena; Laborie, Françoise; et.al. Dicionario Crítico del Feminismo. Madri: Síntese, s.n.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (Ipea), Situação Atual das Trabalhadoras Domésticas no País. Comunicado n. 90 do Ipea. Brasília, maio de 2011. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=8278. Acesso em: 25/07/2018.

KERGOAT, Danièle. División sexual Del trabajo y relaciones sociales entre los sexos. In: HIRATA, Helena; Laborie, Françoise; et.al. Dicionario Crítico del Feminismo. Madri: Síntese, 2000.

_____. O cuidado e a imbricação das relações sociais. In: ABREU, Alice Rangel; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa. São Paulo: Boitempo, 2016. P.17 – p. 26.

MELO, Hildete Pereira de; THOMÉ, Débora. Mulheres e Poder. Histórias, idéias e indicadores. Rio de Janeiro: FGV, 2018.

MENEZES, Lia. As Yalorixás do Recife. Recife: FUNDARPE, 2005

MOTTA, Roberto. Religiões Afro-Recifenses. Ensaio de classificação. in: CAROSO, Carlos; BACELAR, Jeferson. Faces da Tradição Afro-brasileira. Rio de Janeiro: Pallas, 1999.

NOGUEIRA, Maria Julia Reis; JACINO, Hakon. A mulher negra e as desigualdades no mundo do trabalho. In: VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau (orgs). Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado: uma década de mudanças na opinião pública. São Paulo: SESC, 2013.

PAULA, Arlete Rodrigues Vieira de. A Cozinha no Candomblé – Espaço Sagrado Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/306561319/A-Cozinha-No-Candomble>. Acesso em: 03/03/2017.

QUERINO, Manuel. A arte culinária na Bahia. Bahia: Livraria Progresso Editora, 1957.

MELO Hildete Pereira; CONSIDERA, Cláudio Monteiro; et.al. 10 anos de mensuração dos afazeres domésticos no Brasil. Disponível em: <http://www.spm.gov.br/area-imprensa/documentos-1/versaoartigopibafazeredomesticossitespm.pdf>. Acesso em: 15/03/2013.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo. São Paulo: UNESP, 2010.

OYÉRÓNKÊ, Oyewúmí. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Disponível em : https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%C3%A9_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_conceitualizando_o_g%C3%AAnero.os_fundamentos_euroc%C3%AAntrico_dos_conceitos_feministas_e_o_desafio_das_epistemologias_africanas.pdf. Acesso em: 12/05/2017.

PRADO, Danda. Ser esposa. A mais antiga profissão. São Paulo: Brasiliense, 1979.

RAMOS, Artur. Culturas Negras no Novo Mundo. 2 ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1946.

RODRIGUES, Nina. O animismo fetichista dos negros bahianos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

SILVA, Maciel Henrique. Pretas de Honra: vida e trabalho de domésticas e vendedoras no Recife do século XIX (1840 – 1870). Slavador: EDUFBA, 2011.

SILVA, Nilza Iraci. As mulheres negras e as formas de indicadores sensíveis. In: VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau (orgs). Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado: uma década de mudanças na opinião pública. São Paulo: SESC, 2013.

SILVA, Nadija C. D. Da; CAMPOS, Zuleica D. P. O Feminil nos terreiros de Xangô: um estudo de gênero. IV Coloquio de História. Disponível em: ebook.browse.com/silva-nadijja-carmo-domingos-da-religiosidade-pdf-d87540667 Acesso em : 15 de jul., 2011.

SOUZA, Andréa Carla M. de; CARDOSO, Maria Grazia C. Orixás à mesa em Recife e Olinda. Recife: Top, 2011.

SOUZA JÚNIOR, Vilson C. de. O Banquete Sagrado: notas sobre os “de comer” em terreiros de Candomblé. Salvador: Atalho, 2009.

VERGER, Pierre. A Contribuição especial das mulheres no Candomblé. Culturas Africanas. UNESCO: Maranhão, 1986.

VIANNA, Hildegardes. A Bahia já foi Assim. Salvador: Itapuã, 1973.

XAVIER, Lúcia; WERNECK, Jurema. Mulheres e trabalho: o que mudou para as mulheres negras no mercado de trabalho? In: VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau (orgs). Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado: uma década de mudanças na opinião pública. São Paulo: SESC, 2013.